# Dia 2 — Santa Bibiana, Virgem e Mártir

## Martirológio Romano

O martírio de Santa Bibiana, virgem, em Roma; a qual, no tempo do sacrílego imperador Juliano, foi açoitada com cordas emplumbadas até expirar, confessando sempre a Jesus Cristo. (Veja-se sua história hoje.)

Os santos mártires Eusébio, presbítero, Marcelo, diácono, Hipólito, Máximo, Adria, Paulina, Neão, Maria, Martina e Aurélia, também em Roma; os quais, na perseguição de Valeriano, por sentença do juiz Secundiano, alcançaram a palma do martírio.

São Ponciano, mártir, com outros quatro, igualmente em Roma. (Segundo Barônio, Ponciano converteu-se à fé de Jesus Cristo por lhe haver curado milagrosamente Santo Eusébio uma paralisia. Seu martírio aconteceu no ano de 259.)

O triunfo dos santos mártires Severo, Securo, Januário e Victorino, na África, coroados neste país com o martírio (no ano de 430).

São Cromácio, bispo e confessor, em Aquileia. (São Jerônimo faz um elogio da santidade de vida e grande erudição deste santo Prelado. São João Crisóstomo dirigiu-lhe uma carta, a 155, exaltando seu mérito e seu zelo; e diz que o som claríssimo da penetrante trombeta de Cromácio, depois de ressoar por todo o Ocidente, chegou até os ouvidos dos orientais e os advertiu de importantes verdades. Santo Ambrósio fala também dele com encarecimento em diferentes partes de suas obras. Foi o pai e o consolador de todas as suas ovelhas e operou muitos milagres. Refere Barônio que morreu em paz pelos anos de 399.)

São Pedro, bispo de Ravena, por sobrenome Crisólogo, esclarecido por sua doutrina e sua santidade, em Ímola: sua festividade se celebra no dia 4 deste mês. (Veja-se sua história no dito dia.)

São Lupo, bispo e confessor, em Verona.

São Nono, bispo, em Edessa, por cujas orações se converteu a Jesus Cristo Santa Pelágia, a penitente. (Veja-se a história desta santa Penitente entre as do dia 30 de outubro.)

São Silvano, bispo, esclarecido em milagres, em Troade, na Frígia. Santo Evásio, bispo, em Bréscia.

# Santa Bibiana, Virgem e Mártir

Santa Bibiana (ou antes Viviana), virgem romana, era de uma família consular muito antiga em Roma; mas tornava-a muito mais respeitável seu zelo heroico pela religião cristã, pois o pai, a mãe e as duas filhas Bibiana e Demétria, que compunham toda esta ilustre família, todos foram mártires.

Nossa Santa veio ao mundo pela metade do século IV: era filha de Flaviano, prefeito de Roma, isto é, do primeiro magistrado e governador do império, o qual teve a honra de ser degradado da nobreza, privado de todos os seus empregos, despojado de todos os seus bens pela religião cristã e reduzido, por causa da fé, à vil condição de escravo, tendo sido marcado na fronte e, enfim, desterrado para um lugar chamado Aquas Tauri, na Toscana, onde morreu de miséria, com a glória de confessor e mártir de Jesus Cristo. A Igreja o honra como tal no dia 22 de dezembro. Sua mulher, Santa Dafrosa, mãe de nossa Santa, tão constante na fé como seu marido, teve primeiro sua casa por cárcere, onde esteve presa com suas duas filhas. Algum tempo depois a tiraram para desterrá-la a um lugar da Campânia, a alguma distância de Roma: teve muito que sofrer ali do mais bárbaro de todos os tiranos, o qual, depois de se haver enriquecido com os despojos desta ilustre família, determinou acabar com ela por meio dos suplícios. Fez quase morrer de fome e de miséria Santa Dafrosa, a quem por último mandou cortar a cabeça no dia 4 de janeiro, no qual a Igreja celebra seu martírio.

Este tirano era Aproniano, valido do imperador Juliano, o Apóstata, tão malvado e tão afeiçoado às superstições ímpias do paganismo como este Príncipe; o qual, havendo privado da prefeitura de Roma a São Flaviano, como se disse, deu-a a este Aproniano, um dos homens mais malvados de seu século: como, ao ir a Roma tomar posse de seu governo, perdeu um olho, creu que havia sido por algum malefício dos Cristãos, de quem era inimigo declarado. O pesar que lhe ocasionou este acidente fê-lo descarregar toda a sua raiva sobre os Cristãos, começando a perseguição pela família de Flaviano, a quem viera suceder na prefeitura da cidade.

Parecia que havia de perdoar a Santa Bibiana e a sua irmã Demétria: eram jovens, formosas e ricas, mas eram cristãs; sua religião era seu delito; e a pouca fazenda que lhes restava irritava demasiado a cobiça de Aproniano para deixá-las em paz. O novo Prefeito mandou chamá-las para dizer-lhes que fossem logo renegar a fé de Jesus Cristo e adorar os deuses do Imperador; e que, não o fazendo assim, declarava-lhes que seriam tratadas com mais rigor que seus pais e que acabariam a vida entre os maiores tormentos. Bibiana, que desde a infância havia escolhido Jesus Cristo por esposo, animada daquele espírito de valor e de fortaleza que dá Deus em semelhantes ocasiões aos que o amam ternamente, disse ao Governador com um tom que denotava suficientemente sua constância: Senhor, eu não adoro senão o único verdadeiro Deus, criador do céu e da terra; e espero que a mim e a minha irmã nos concederá a graça de não temermos os mais cruéis tormentos; seremos demasiado ditosas se nos conceder que demos nosso sangue e nossa vida em defesa de nossa fé e que tenhamos parte na mesma coroa que vossa severidade

pôs sobre a cabeça de nossos pais.

Irritado o Prefeito com uma resposta tão generosa, despojou-as da pouca fazenda que lhes havia ficado e, enviando-as depois ao cárcere, mandou que não se lhes assistisse com coisa alguma, não duvidando de que a miséria a que se veriam reduzidas seria o meio mais eficaz para conseguir delas o que pretendia. Mas Deus as sustentou com sua graça contra as tentações da fome e da pobreza; todos os dias se empregava tudo o que parecia mais a propósito para intimidá-las; mas Deus lhes dava forças para resistir às ameaças e às promessas de Aproniano, que nada omitia para obrigá-las a renunciar à religião cristã. Vendo que coisa alguma era capaz de quebrantar seu coração, dispôs-se a pô-las à prova dos tormentos, quando Demétria, que ainda era bastante jovem, libertou-se repentinamente daquele triste cárcere e foi recompensada pelo sacrifício que havia feito de sua vida, havendo querido Deus, por efeito de sua providência, poupar-lhe os horrores dos suplícios, caindo morta aos pés de sua irmã Bibiana no mesmo tempo em que uma e outra protestavam diante do juiz que coisa alguma seria capaz de separá-las jamais de Jesus Cristo. Este ditoso acidente não impediu que a Igreja a honre como mártir no dia 21 de junho, como consta dos Martirológios.

Santa Bibiana, única herdeira da fé e da constância de seus pais, que eram os únicos bens que restavam de sua família, advertiu que ia entrar em batalha com os inimigos do nome cristão; e não pensou em outra coisa senão em dispor-se para o combate com a oração. A primeira que teve de sustentar foi a perseguição da mais miserável mulher que se viu jamais: era uma tal Rufina, que prometeu seduzi-la e fazê-la mudar de crença: empregou para isso todos os artifícios que pôde sugerir-lhe sua malícia: conversações infames, arrazoados ímpios e licenciosos, lisonjas amáveis e artificiosas; representava-lhe, com os termos mais lisonjeiros e com as cores mais vivas, as vantagens que sua formosura lhe podia proporcionar; os estabelecimentos mais brilhantes que se lhe ofereciam aos montões à sua escolha; a restituição de todos os bens que haviam sido de sua família; e, pelo contrário, as desgraças que lhe ocasionaria seu capricho se se obstinasse em querer manter-se cristã. Perseverando Bibiana com uma pasmosa constância em sua fé e na fidelidade que devia a seu Deus, fez Rufina que sucedessem os maus-tratos a suas artificiosas carícias: todos os dias a mandava açoitar cruelmente com varas e látegos com pontas de ferro, para ver se assim podia dominá-la e vencê-la; mas não conseguiram mais os golpes que as palavras: Bibiana permaneceu sempre invencível, sem que tratamentos tão indignos e uma crueldade que excede a tudo o que se pode pensar pudessem arrancar da Santa a menor queixa. Via-se-a cada vez mais tranquila e sempre mais contente. Os açoites, as bofetadas e os paus lhe causavam sumo prazer; o só pensamento de que padecia por Jesus Cristo a enchia do mais doce consolo; saltava de alegria a cada novo suplício. Sua paciência, sua afabilidade, sua modéstia e sua tranquilidade fatigaram a crueldade daquela perversa mulher, a qual, vendo que toda a sua maligna astúcia e todos os seus artifícios só serviam para fazer nossa Santa mais firme na fé, foi dizer ao Prefeito que coisa alguma era capaz de fazer mudar de parecer a Bibiana.

Enfurecido Aproniano de ver-se vencido por uma donzela jovem, cuja perversão lhe parecia que lhe havia de conciliar a estima do Imperador, e ressentido de ver que começava seu governo e sua prefeitura por um sucesso que imaginava havê-lo de desonrar no conceito do povo, o qual não deixaria de lançar-lhe em rosto algum dia a fraqueza de haver sido vencido por uma donzela, mandou que atassem a Santa a uma coluna e que os verdugos a açoitassem com disciplinas

armadas de chumbo até que expirasse. Executou-se esta ordem com toda a crueldade imaginável: por cada chaga corriam arroios de sangue, e os pedaços de carne saltavam e caíam por todas as partes; os mais bárbaros e mais desumanos se horrorizavam ao ver esta carnificina; só a Santa esteve sempre imóvel, com os olhos fixos no céu e com um rosto risonho, sem que sua mansidão se alterasse jamais. Por último, despedaçado seu corpo e esgotado de sangue e de forças, deixou livre aquela alma pura, a qual voou ao seio de seu divino Esposo para receber de sua mão duas coroas: a de virgem e a de mártir.

Seu corpo foi lançado ao campo para que fosse pasto das feras; mas não houve uma que o tocasse nos dois dias em que esteve exposto: depois dos quais um santo presbítero chamado João o levou de noite e o enterrou junto ao de sua mãe, Santa Dafrosa, e ao de sua irmã, Santa Demétria, perto do palácio de Licínio. Este sítio foi muito respeitável desde aquele tempo entre os Cristãos, os quais, no tempo dos imperadores cristãos, ergueram nele uma capela com o nome de Santa Bibiana, que durou até que o papa São Simplício fez dela uma igreja em honra da mesma Santa. Por volta do ano 480, uns cento e dez anos depois da morte da Santa, reedificou-se esta igreja; e no ano de 1628 a adornou magnificamente o papa Urbano VIII, o qual trasladou para ela os corpos das três Santas que se haviam encontrado pouco antes; mandou colocá-los debaixo do altar-mor, num sepulcro de pórfiro, e em cima a estátua de Santa Bibiana, de mármore, a qual passa por uma das mais belas obras de escultura que se veem na Itália.

# Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Bibiana, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, omnium largitor bonorum, qui in famula tua Bibiana, cum virginitatis flore martyrii palmam conjunxisti: mentes nostras ejus intercessione tibi charitate conjunge; ut amotis periculis, præmia consequamur æterna. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Ó Deus, dispensador de todos os bens, que juntastes em vossa serva Bibiana a palma do martírio com a flor da virgindade, uni a vós nossos espíritos pela caridade, por sua intercessão, para que, afastados os perigos, alcancemos os prêmios eternos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 51 do Eclesiástico.

**Eclesiástico 51,13-17**

>

> **Latim:** [13] Exaltasti super terram habitationem meam, et pro morte defluente deprecatus sum. [14] Invocavi Dominum patrem Domini mei, ut non derelinquat me in die tribulationis meæ, et in tempore superborum, sine adjutorio. [15] Laudabo nomen tuum assidue, et collaudabo illud in confessione : et exaudita est oratio mea, [16] et liberasti me de perditione, et eripuisti me de tempore iniquo. [17] Propterea confitebor, et laudem dicam tibi, et benedicam nomini Domini.

**Português:** [13] Tu me fizeste na terra uma elevada habitação e eu te roguei que me livrasses de ser arrebatado na torrente da morte. [14] Eu invoquei ao Senhor pai de meu Senhor, para que me não deixe sem socorro no dia da minha tribulação e durante o reino dos soberbos. [15] Louvarei incessantemente o teu nome, e celebrá-lo-ei na minha confissão, pois foi atendida a minha oração. [16] E livraste-me da perdição e tiraste-me do tempo de aperto. [17] Por isso eu te glorificarei, e cantarei os teus louvores, e bendirei o Nome do Senhor.

# Reflexões

*Senhor meu Deus, exaltaste sobre a terra a minha habitação.* Senhor Deus meu, vós preparastes para mim uma morada sobre a terra. É necessária outra coisa para nos desprendermos da terra e fazer que suspiremos sem cessar pelo céu? Temos infinitos motivos para nos desgostarmos de um desterro que não é outra coisa que a região do pranto, e onde os que são mais ditosos no conceito do mundo estão continuamente gemendo. Que dias serenos, que tranquilidade, que calma se goza neste vale de lágrimas? Há emprego algum sem cuidado? Há posto sem inquietações? Há uma só idade que esteja isenta de mil borrascas? Há uma condição que esteja ao abrigo de todas as tempestades, de todos os reveses da fortuna, de todas as adversidades? Pode-se dizer que esta triste estância não vê nascer senão cruzes; a terra que habitamos não dá flores, mas espinhos; não se pode colher uma flor sem que se espete a mão; além disso, estas flores mal acabam de abrir e já murcham. Os maiores dias são os mais secos, e os mais curtos não estão sem geadas e frios.

A mais longa vida só se compõe de um punhado de dias: anda-se, corre-se, sua-se por colher um pouco de fumo; as paixões brincam conosco, e sempre à nossa custa; trabalha-se, afana-se por subir um pouco mais alto, e mal se chegou à altura a que se aspirava, perde-se a cabeça; os postos mais altos não estão mais ao abrigo dos ventos; fazem-se grandes gastos, e quantas vezes sem proveito? Chega-se à maior altura: a ambição, que nos fez subir com indizíveis penas, deixa-nos por muito tempo em repouso? A morte confunde todas as condições; enterra todas as fortunas; as cinzas, que são o paradeiro de tudo, não se distinguem. Só a santidade pode fazer-nos verdadeiramente ditosos e verdadeiramente grandes; só ela é privilegiada; só ela nos assegura uma habitação muito acima da terra e, por conseguinte, isenta de todas as vicissitudes, ao abrigo de todas as tempestades e onde não alcança a jurisdição da morte. Celestial Jerusalém, tu és minha pátria; a terra é meu desterro: ali não haverá lágrimas nem pranto. Esta é a única região aonde não chegam as nuvens e de onde os prantos e os pesares estão desterrados para sempre;

ditosa cidade, livre de tudo o que espanta e de tudo o que faz gemer os homens. Pasma que, amando-nos como nos amamos, não suspiremos sem cessar por esta ditosa morada: pasma que não cobicemos outra fortuna que a presente. Dor, tristeza, enfermidades, temores, inquietações, pesadumes, tudo está desterrado da estância dos bem-aventurados; nenhuma coisa adversa tem entrada nesta santa cidade; um gozo puro e pleno, uma calma inalterável reina na Jerusalém celestial, e esta celestial Jerusalém deve ser nossa habitação. Quem pode compreender daqui de baixo as doçuras inefáveis que gostam os escolhidos no céu? Por que não pomos todo o nosso estudo em merecer esta bem-aventurança? Os meios estão em nossa mão; sabemos o caminho; não temos que fazer outra coisa senão seguir a rota que levaram os Santos; e é possível que hajamos de levar um caminho inteiramente contrário! Ó céu ou inferno! Que disjuntiva tão terrível!

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus.

**Mateus 13,44-52**

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

**Português:** 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto?

Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

# Meditação

*Sobre a eterna felicidade*

## Primeiro ponto

Considera como somos criados para conhecer a Deus, para amá-lo e servi-lo nesta vida e para ser eternamente ditosos na outra, com uma felicidade que nos sacie, com uma felicidade sobreabundante e inalterável. O Apóstolo, que só havia provado uma ligeira tintura dela, diz que os olhos jamais viram coisa que iguale o que Deus tem disposto para os escolhidos. Os ouvidos jamais ouviram semelhantes maravilhas; o espírito não pode penetrar tão adiante nem subir tão alto. Digamos que os bem-aventurados no céu estarão rodeados da imensidade de Deus e nadarão em torrentes de delícias inefáveis; digamos com o Profeta que entrarão neles estas delícias, que estarão penetrados e como embriagados delas: expressões débeis são estas, ideias inferiores à realidade, imagens pouco semelhantes. Dissemos tudo o que o espírito pensa da felicidade incompreensível; mas ainda não dissemos coisa alguma do que ela é em si. Nenhuma coisa de quantas há cá embaixo é capaz de fazer-nos conceber os bens imensos de que ali se goza; mas conhecemos demasiado os males de que estão isentos os bem-aventurados. Queres compreender e formar alguma ideia da bem-aventurança da outra vida? Imagina que está isenta de todas as misérias desta; ali não só não há coisa que desagrade, não só se tem tudo o que se deseja, mas também tudo o que se necessita para não desejar coisa alguma. O coração está cheio, a alma está satisfeita e saciada; seu gozo é puro e tranquilo; é uma sobreabundância de gozo. Viram-se pessoas sobre a terra que ficaram pasmadas de gozo por haver gozado alguns momentos da vista de um Anjo. Que será, pois, no céu, onde não somente se verão os Anjos, a santíssima Virgem e Jesus Cristo, sem perdê-los jamais de vista por toda a eternidade, mas é o próprio Deus a quem se vê, não já por entre as trevas da fé, mas na claridade do dia e no mais belo resplendor de sua majestade! Não já em enigma e a longa distância, mas de perto e face a face, sem temor de perdê-lo, sem distração, nem sequer involuntária, e a cada momento com novo gosto. Desde a criação do mundo, quero dizer, há sete mil anos, os Anjos não cessam de contemplá-lo, e sempre com novo prazer, com um gozo sempre novo; e não poderia haver maior desventura para eles que ser privados de sua presença um só instante. Considera, se é possível, o contentamento que produzirá esta clara vista.

## Segundo ponto

Considera que a felicidade que se nos prometeu é incompreensível. Mas por ventura é menos difícil de compreender a indiferença com que a maior parte dos cristãos olha esta eterna felicidade?

Tendo sido criados para gozar eternamente da fonte de todos os bens, nascidos para o céu, chamados à eterna bem-aventurança, cidadãos da pátria celestial, qual deveria ser o objeto de sua santa ambição? Que desejos, que ânsias não deveriam mostrar por esta cidade dos Santos, por esta pátria celestial? Desterrados sobre a terra, como podem estimar seus falsos bens e gostar de suas enganosas doçuras? Como podem amar uma região tão cheia de amargura? Não deveriam desmaiar continuamente e consumir-se nesta pátria do pranto e suspirar sem cessar por sua liberdade? Que inveja não deveriam ter dos que veem terminar seu desterro? Deveriam olhar as adversidades da vida como desgraças? Não deveriam olhar as enfermidades como um termo de sua prisão, a pobreza como uma diminuição de seus laços e a morte como sua perfeita liberdade? Assim pensaram, assim obraram, assim discorreram todos os Santos; discorre-se, obra-se, pensa-se assim hoje em dia? Bom Deus, que desconcerto, que desordem a do coração humano! Multiplicam-se todos os dias as cordas que nos atam à terra; o mundo, por mais ingrato que seja, por mais injusto, por mais tirano, vê crescer todos os dias o número de seus escravos; não se aprecia, não se ama, não se busca senão o que nos afasta do céu; não se gosta senão dos bens criados, ainda que estejam cheios de amarguras. A morte espanta, o só pensamento da morte dá medo. Ó Religião! Ó razão! Que uso se faz hoje de vossas luzes? Os Cristãos não são tão ingratos, tão insensatos, tão criminosos como aqueles israelitas que não faziam caso daquela ditosa terra que lhes havia sido destinada e que era tão digna de seus desejos? *Et pro nihilo habuerunt terram desiderabilem.* Se se tem ambição, se se deseja com ânsia fazer fortuna, que objeto, bom Deus, mais digno de uma alma grande e mais capaz de saciar o coração que o céu? Que outra fortuna mais vantajosa que esta?

Nenhuma, Senhor; e desde este momento vos protesto que não quero já suspirar senão pelo céu: fazei, por vossa graça, que me não torne indigno dele.

# Jaculatórias

Uma só coisa peço ao Senhor, e lha pedirei enquanto viver: que me tire de meu desterro, para habitar com ele eternamente em sua casa. (Sl 26.)

Ai de mim, que meu desterro vai muito longo! Quando gozarei, Senhor, de vossa divina presença? (Sl 119.)

# Propósitos

1. O céu é nossa verdadeira pátria: logo, não estamos sobre a terra senão como estrangeiros, como caminhantes, como peregrinos. A um caminhante pouco se lhe dá do que se faz no caminho: prazeres, estilos, campinas agradáveis, edifícios soberbos, objetos deliciosos, pradarias risonhas, arvoredos floridos, passeios, jardins, vergéis, nada o detém, só toma o necessário; a memória e o desejo de sua pátria o ocupam inteiramente: olha o que se lhe apresenta ao passo; mas, se é prudente, continua sua viagem sem pôr seu coração em nada: a um caminhante sempre lhe

parece mais de seu gosto o que há em seu país que tudo o que vê nos países por onde passa; a esperança de chegar logo a sua casa o faz suportar todas as incomodidades dos climas em que está, tudo o que há neles de adverso e de desagradável. Eis aqui a imagem de um cristão; isto mesmo deves fazer tu em tua carreira. No ponto em que te sucedesse algum acidente adverso, dos que esta vida é um manancial abundante, pensa que a pátria celestial está isenta deles; tudo o que o mundo pode apresentar-te de agradável e lisonjeiro não te deve enganar nem deslumbrar. Quando te achares em meio dessas festas, nesses empregos visíveis, entre essas alegrias mundanas; quando tudo suceder à medida de teu desejo, pensa que tudo isto passa e que tu também vais passando: nenhum pensamento mais útil que este, o qual fará que olhes tudo isto como alheio e com indiferença.

2. Logo que tenhas notícia da morte de alguém, pensa que é ditoso se soube olhar-se como peregrino durante toda a sua viagem; pensa todas as manhãs que tens que fazer uma viagem à eternidade; e todas as tardes lembra-te de que estás uma jornada mais perto de tua pátria; põe os olhos muitas vezes no céu, considerando que lá está tua pátria; por último, tanto na prosperidade como nas desgraças adverte que estás numa terra estranha, que o céu é tua pátria e que, enquanto estás sobre a terra, não podes nem alegrar-te nem padecer senão de passagem.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:25 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:25 by Admin